

# O desenho na ordem do dia

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

A concluir pelas aparências, o desenho vem subindo de cotação na bolsa de valores de artes.

Este mês de setembro, por exemplo, está pró — digo desta forma de expressão que eu chamaria de singular — pela unicidade técnica, dispensando roupagens expletivas e pela não vulgaridade, apesar de, na hierarquia imposta pelo mercado, valer o desenho muito menos que a pintura, a sua prima rica, mesmo quando ela é de pior qualidade. Três mostras de desenho merecem destaque.

Entrou por setembro a dentro a exposição "O desenho como instrumento", uma iniciativa da Cooperativa dos Artistas Plásticos de São Paulo, na Pinacoteca do Estado. Mostra que mereceu a atenção do IDART que promoveu debate a seu redor. Falaram aí, abrindo o diálogo, com os artistas e público, Maria Eugênia Franco, diretora do IDART (veja "Artes Visuais" de domingo passado), Aracy Amaral, diretora da Pinacoteca do Estado e Lisbeth R. Rebolon Gonçalves, responsável pela área de artes plásticas do IDART. O que ambas disseram, o leitor vai saber hoje nesta página.

Na última terça-feira, dia 11, o MAC — Museu de Arte Contemporânea da USP — inaugurou a mostra de quase 300 desenhos de Ivald Granato, realizados nos últimos 10 anos. Surpreendente esta exposição. Desenhos de muito boa qualidade que acusam um artista de méritos evidentes, autor, também, de pinturas igualmente surpreendentes.

Falei duas vezes em surpreendente. Explíco: Granato é um jovem de 29 anos que marcou presença antes de tudo pela sua rebeldia, pelas sessões de performance, pelos conceituais por vezes agressivos, pelas suas manigâncias no mundo das artes, ofuscando o seu lado "comportado" no uso do lápis e papel, do pincel e tela. E a surpresa é dupla para quem não conhece o artista por inteiro: o próprio desenho e pintura e a sua qualidade.

Vale a pena ver a exposição de Granato.

Agora, amanhã, às 19 horas, na galeria Seta (rua Antônio Carlos, 282), outra importante manifestação do desenho, com a exposição de Fábio Magalhães que, além de desenhista, pratica com igual desenvoltura a crítica da arte.

Fábio Magalhães mostra a sua obra gráfica mais recente, depois de treze anos da sua primeira individual, sempre fiel ao figurativo. Mostra ainda porque perfila entre os primeiros autores do nosso desenho contemporâneo.

Ele fala também de desenho a "Artes Visuais", em entrevista adiante.

## O que é o desenho?

Aracy Amaral abriu a sessão de debates na Pinacoteca do Estado, dizendo que o desenho é a imagem de uma idéia, o esboço de um quadro, o estudo de uma escultura a ser realizada, o exercício por parte do artista, que ele incorporará posteriormente numa pintura. Ou o resultado — pergunta ela mesma — de um momento de ensimesmamento, escrita que flui automática quase sem controle racional do autor? "Ou — faz outra pergunta — é uma obra autônoma, válida em si desde sua concepção, ou que, consagrado o artista, passa a ter um valor no mercado de arte embora não tivesse tido existência prévia como tal?"

Aracy conclui:

"O desenho pode ser tudo isso, ou talvez mais alguma coisa, se bem que em nossos dias ele evidentemente não possua mais a conotação de único aprendizado introdutório para a prática das artes como a academia neoclássica impunha. Por outro lado, esse primeiro estágio de uma obra, até bem pouco tempo área exclusiva do desenho, é hoje também partilhado pela fotografia.

"De todos os modos, é evidente que o desenho é prática a que se recorre ainda amplamente como ferramenta de trabalho, e acredito ser nesse sentido que a Cooperativa de Artistas Plásticos de São Paulo o adotou como tema para sua primeira grande exposição coletiva em nossa capital. A fim de mostrar o desenho como etapa, ou processo de trabalho.

Adiante diz Aracy Amaral: "Se nos 49 artistas presentes, cerca de 20, ou mais precisamente, 22, segundo nossas notas, apresentaram desenho no sentido de apontamento, instrumento de desenvolvimento de uma idéia gráfica, casos houve, bem patentes, de autores que apresentaram o desenho como projeto, como Sacilotto, efetivo projeto acabado, a ser executado por terceiros para a concretização da obra. Já a preocupação, consciente ou não, de não desnudar-se diante de estranhos, ou, na verdade, o desenho autônomo, surge nos trabalhos de Granato, Odair Magalhães (e neste o desenho visto como um estudo para a gravura, especificamente), e Odileia Toscano, por exemplo. A marca do ponto de vista do arquiteto não deixa de ser observada também em Newton Mesquita e Fajardo. O desenho como estudo, no sentido acadêmico porém não pejorativo do termo, em Clovis Graciano, Ely Bueno, entre outros.

"O desenho de fundo de gaveta, a intimidade desvendada, aparece nos envios de Rebole, Graciano e Gregório, bem como no escultor-ceramista Megumi; e, em grau de surpresa maior, pelo intuitivo de seu processo, no concretista Maurício Nogueira Lima, pela riqueza de seu painel-mosaico, e cuja execução correspondente, em pinturas autônomas, poderia parecer uma obra à parte.

"Da idéia ao suporte, do mental ao realizado — inexistentes as etapas intermediárias de estudo — além de Fridman e Saruê — gostaria ainda de citar Lizárraga, Nitsche, Regina Silveira, Carmela Gross, Sarubi, Tozzi, Tuneu, Salvador, Plaza, Charoux, Regina Vater, Szpiegel e Tomoshigue Kusuno. Estes artistas simplesmente compareceram com desenhos que refletem o estado atual de suas experimentações, como o teriam feito ao participar de exposições coletivas ou individuais de desenho.

"Por outro lado — prossegue Aracy — o desenho, irradiando a estetização de um comportamento de artista, ou melhor, do artista-arquiteto, é mais uma vez confirmado seja nos painéis de Gabriel Borba Filho como em Ubirajara Ribeiro: na organização elaborada do espaço compondo as diversas peças, na montagem dos desenhos sobre passe-partouts, bordos delicadamente queimados, escolha refinada de papéis e cores, em especial no caso de Ubirajara, mas em ambos registrando o bom gosto tão típico do trabalho do arquiteto.

"Talvez haja sido exageradamente acentuada a presença do desenho entre nós nestes anos que correm. Na verdade, ele aparece na medida em que inexistente quase a pintura, a escultura é atividade de poucos lutadores ou de